



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

ISABEL CRISTINA DE ARAÚJO NUNES [BEL]

(depoimento)

2016

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-659

Entrevistada: Isabel Cristina de Araújo Nunes [Bel]

Nascimento: 12/05/1966

Local da entrevista: Residência da mãe da entrevistada em Porto Alegre

Entrevistadoras: Silvana Goellner, Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 02/03/2016

Transcrição: Suellen dos Santos Ramos

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 43 minutos e 02 segundos

Páginas Digitadas: 17 páginas.

Observações:

Entrevista realizada para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Iniciação no futebol; Equipes nas quais atuou; Temporada no Sport Club Internacional; Campeonatos; Salário; Valores do futebol; Futebol feminino no Rio Grande do Sul; Jogos que ficaram pra memória; Dificuldades encontradas; Experiência na Itália; Comparação do futebol brasileiro e italiano da época; Atividades além do futebol; Escolinhas de futebol; Experiência no Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

Porto Alegre, 02 de março de 2016. Entrevista com Isabel Cristina de Araújo Nunes, cargo das pesquisadoras Silvana Vilodre Goellner, Pamela Siqueira Joras e Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias

S.R. – Bel, primeiramente em nome do Centro de Memória eu gostaria de te agradecer por ceder o teu tempo e te dedicar a esta entrevista. E para começar eu gostaria de te perguntar como tu iniciou jogando futebol?

I.N. – Eu iniciei assim: meu pai era um jogador de várzea. A história é muito parecida com a de muitas meninas, nós somos três meninas, eu sou a caçula e meu pai estava sempre no campo e me levava junto e eu ficava do lado de fora com os meninos jogando bola, de saia cigana, jogando bola com os meninos, com sete anos de idade. E fizemos uma equipe de... Minhas irmãs e amigas e fomos jogar contra um time de futebol formadinho já, do Nonoai Tênis Clube.

S.G. – Isso aqui em Porto Alegre?

I.N. – Aqui em Porto Alegre. Fomos jogar, eu tinha doze anos e me destaquei e o treinador dessa equipe me convidou para fazer parte da equipe do Nonoai, da equipe deles, daí eu não parei mais [risos]. Foram vinte e cinco anos sem parar de jogar. No Nonoai joguei muitos campeonatos de futsal, campeonatos fortes, era uma equipe muito jovem de doze, treze, quatorze anos e jogávamos já contra equipes adultas como Estrela Vermelha¹ que era uma equipe conhecida, e a gente ganhava muitos títulos, era uma equipe muito boa. Foi a partir disso, do Nonoai a gente... Depois do Nonoai do futsal, nós fomos para uma equipe de futebol de campo que se chamava Pespi Bola, e aí eu já estava com quinze anos, ficamos um ano na equipe do Pepsi Bola e o Internacional² resolveu abrir o Departamento de Futebol Feminino e pegou essa equipe como base, a equipe do Pepsi Bola. E tinha uma outra equipe que era a nossa rival, que se chamava Independente, que se transformou adivinha em quem?

¹ Nome sujeito a confirmação.

² Sport Club Internacional.

S.G. – No Grêmio³ [risos].

I.N. – No Grêmio [risos]. Era um time coordenado pela Maria Anita⁴, jogou na Seleção Brasileira, no tempo do Radar⁵... Como é que eu posso esquecer da Maria Anita não é? A Maria Anita ela era uma pessoa... Nossa, ela era a cabeça, coordenadora, foi para a Espanha no Campeonato Mundial com... É! Mora ali no Teresópolis⁶. Esqueci da Maria Anita, ela sempre foi coordenadora, chegou a ser minha coordenadora também, a pessoa que tem o dom da palavra e de liderança sabe? E jogava muito bem também, jogava no meio de campo. Então o Independente... O Grêmio então, depois que o Inter passou a ter um departamento de futebol feminino deu um tempo, não me recordo quanto, o Grêmio abriu o departamento dele, pegando essa equipe do Independente que era a nossa rival antes. E foi assim que eu comecei, vivia jogando futebol com os meninos, jogava o dia inteiro, depois que eu comecei a jogar bola eu não pensava em outra coisa, era só futebol, futebol, futebol, só futebol. A minha mãe ficava apavorada que eu chegava dos torneios em casa e me atirava no sofá e as canelas toda rocha com uns calombos, “o que tu quer com isso menina?”, nossa passava aqueles torneios. Tem muita história para contar eu não vou ficar igual a Maravilha⁷ que ficou uma hora [risos]... Vamos filtrar, mas tu pode me interromper e perguntar algumas coisas mais interessantes.

S.R. – A gente vai seguindo, por exemplo, à partir de quem, se tu lembra, surgiu o Pepsi Bola? A partir de quem tu foi jogar no Pepsi Bola?

I.N. – Nós sempre tivemos coordenadores, no caso a Rosa Maria Vieira Dutra e o Getúlio Aurélio Fredo, que se encontra na Finlândia, já está a trinta anos na Finlândia, foi o meu primeiro treinador e depois foi meu treinador no Inter também. Então eles que corriam atrás dos apoios, do patrocínio. Com essa equipe do Pepsi Bola nós fomos jogar contra o Radar...

S.G. – Radar do Rio de Janeiro?

³ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁵ Esporte Clube Radar.

⁶ Bairro situado na cidade de Porto Alegre.

⁷ Marlisa Wahlbrink.

I.N. – É, em Copacabana na beira da praia. A equipe do... Tanto é que chegamos lá no Rio e eles colocaram o nosso jogo em um sol a pino, só para nós... Fizeram a gente... Essas histórias não precisam muito assim. Nós fomos de avião, coisa bem organizada com a equipe do Pepsi Bola, o jogo foi quatro a zero, na areia fofa em Copacabana. Depois que nós fomos para o Inter tinha o Campeonato Gaúcho, que tinha o Esportivo de Bento⁸, Inter de Santa Maria⁹ que era uma equipe muito boa.

S.G. – A Pamela já jogou lá.

I.N. – É? Mas não era naquela época [risos]? Inter de Santa Maria, Esportivo de Bento, Cerâmica de Gravataí¹⁰, Inter e Grêmio... Não tinha muitas equipes, e tinha Pelotas¹¹? Não lembro se Pelotas tinha na minha época, tinham seis equipes, mas era bem legal porque nós fazíamos as preliminares dos campeonatos, um monte de coisa que não tem, que não acontece, era muito legal. Esse apoio a gente tinha do Campeonato, e o Campeonato eu não me recordo era organizado pela Federação¹², eu não sei a partir de quando eles começaram a fazer os Campeonatos Gaúchos. Hoje em dia eu acho um absurdo, mas fazer o quê? O Campeonato Gaúcho tem poucas equipes e tu vai ver um jogo e são só os familiares das atletas, entendeu? Por que isso? Porque não tem uma divulgação, porque não tem uma vitrine, porque não aparece, não desperta o interesse das pessoas em ir assistir. Precisa trabalhar isso também, precisa trabalhar esse lado de marketing, a gente não vai querer que seja como alguns países que trinta mil pessoas vão ao estádio, mas pelo menos umas dez mil não é [risos]? Um dez mil pessoas dá uma *rendinha*.

S.R. – Mas o Bel, nessa primeira geração do Inter tu lembra quais outros campeonatos tu participou além de Campeonato Gaúcho?

I.N. – Sim, a gente disputava o Campeonato Brasileiro e o Campeonato Sul...

⁸ Clube Esportivo Bento Gonçalves.

⁹ Esporte Clube Internacional.

¹⁰ Cerâmica Atlético Clube.

¹¹ Esporte Clube Pelotas.

¹² Federação Gaúcha de Futebol.

S.R. – Copa Sul?

I.N. – Sul-brasileiro. Esse era em outra época, não confunde as coisas [risos]. Tinha uns campeonatos que a gente disputava, era bem organizado.

S.R. – E era o clube que disponibilizava essa infra-estrutura e viabilizava essas viagens?

I.N. – Não era o clube, nunca foi. O que acontecia é que a gente tinha alguns apoios, a gente tinha diretor, tesoureiro, a comissão técnica: preparado físico, de goleiras. Isso aí a gente tinha. Mas a gente tinha essas pessoas, também que é uma grande... Quem poderia dar muitas informações para vocês é a Graça, Maria da Graça¹³ era nossa tesoureira, ela trabalha no Inter como voluntária, ela apresenta o estádio de tão colorada que ela é, apresenta o estádio para as pessoas que vem de fora, ela é dentista e tem muita informação. Ela é mais velha, a nossa diretora. Então elas corriam atrás dos apoios. Das passagens para ir treinar, aí chegava no final do mês tinha um *envelopezinho* com o nome, era o nosso salário. Era o nosso salário.

S.R. – Tu lembra quanto vocês recebiam?

I.N. – “Bah”[risos]. Deixa eu ver... Na época, trezentos... Comparando com agora acho que uns trezentos reais, quinhentos reais...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]¹⁴

S.R. – Mas como a Silvana perguntou, o que dava para fazer com esse salário?

I.N. – Olha, não dava para fazer nada, dava para...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]¹⁵

¹³ Nome sujeito a confirmação

¹⁴ Entrevistada pede que a mãe atenda a porta.

¹⁵ Mãe da entrevistada entra pela porta.

S.R. – Então Bel, teve essa primeira geração...

I.N. – A gente estava falando do salário não é? Que dava entorno disso aí, uns 300 reais. Aí também tinha a importância de você no time, como eu vou dizer...

S.R. – Uma certa hierarquia.

I.N. – Nível técnico, tinha essa distinção. Tinha uma às vezes que nem ganhavam.

S.R. – Quanto melhor tu jogasse...

I.N. – Ganhava um pouquinho mais, como era também até pouco tempo aqui.

S.R. – Teve essa primeira geração do Inter e as atividades se encerraram...

I.N. – “Bah”, deixa eu te contar! Então assim, teve muito... Durante esses anos tiveram muitas interrupções, teve muitas paradas. “Agora o futebol feminino vai alavancar” e não, parava. Parecia que ele ia deslanchar e ele parava entendeu? Às vezes ficava até sem ter um campo, sem ter o Inter, sem ter o Grêmio aí ia todo mundo para o futsal.

S.R. – Pois é, teve uma época que vocês jogaram só futsal praticamente não é?

I.N. – Sim, sim.

S.R. – Tu era da equipe das Bruxas¹⁶ não é?

I.N. – Isso.

S.R. – E como foi essa fase?

¹⁶ Sociedade Esportiva Recreativa Bruxas.

I.N. – Nós reunimos as melhores atletas, por afinidade também e fizemos a equipe, era uma equipe muito forte também. Eu sou penta-campeã estadual de futsal, tri-campeã gaúcha de futebol de campo, eu tenho vice-campeonato do Campeonato Brasileiro, sou bicampeã Sul-Americana pela Seleção Brasileira. Tenho bastantes títulos. Onde que nós estávamos? Nas interrupções. Agora... Eu não sei se eu já chego na fase... Falar de agora?

P.J. – Queria te perguntar dessa questão da continuidade. O mesmo acontecia com os campeonatos? Ou vocês sabiam: “Essa temporada vai ter tal e tal campeonato”, ou tinha uma parada também?

I.N. – Parava tudo! E para disputar um Campeonato Brasileiro a gente começava a treinar um pouco mais forte um pouco em cima, então a gente nunca conseguia competir com a equipe do Rio de Janeiro. Elas treinavam dois turnos todos os dias. Nós treinávamos três vezes por semana um turno só. Como tu vai competir? Não tem como. Lógico elas tinham jogadoras de excelente nível que eles faziam tipo uma seleção de clubes, do Radar¹⁷ que eu estou falando. Mas a gente podia pelo menos fazer uma frente, os nossos jogos eram quatro a zero, que naquela época era goleada, hoje em dia não é tanto, hoje em dia não é tanto comparado com os nove a zero. Olha a diferença de quem treina todos os dias dois turnos, quatro a zero é pouco. Mas tinha essa interrupção, era muito desagradável, tinha muito preconceito, a gente vai falar do preconceito, eu escutava muita coisa, não direto para mim, mas... “Que futebol feminino não era para mulher”, eu sou dessa época, bastante preconceito. Eu lembro que foi lá em Santa Maria contra o Inter de Santa Maria, tinha um cara na... Eu jogava na ponta-direita, então ficava bem perto da torcida, da arquibancada. Aí eu lembro que um cara assim desesperado: “Vai para cozinha! Vai isso, vai aquilo”. Aí eu indignada olhei para ele... Eu bonitinha, gatinha naquela época disse para ele: “É, queria mesmo é ficar vendo perna peluda de homem aqui, não é?” [risos]. Ele parou de falar! O cara vai para lá xingar a gente, sabe? Aí eu dei nos dedos dele: “Você quer é ver homem correndo atrás de uma bola, perna peluda”.

S.R. – E teve alguma outra situação que te marcou em relação a isso, fora essa?

¹⁷ Esporte Clube Radar.

I.N. – Olha, assim não. Porque eu nunca sofri esse preconceito porque naquela época as meninas eram muito masculinizadas, queriam se parecer com homens, tinham outra cabeça. Hoje em dia as meninas são um mais femininas, tu, vê tanto pela Seleção Brasileira... Se tu ver a Seleção Brasileira de antigamente, as meninas eram bem masculinizadas, tu vê a Seleção de agora, são meninas bonitas. Isso ajuda muito na imagem do futebol feminino. Lógico que o preconceito... O que tem que a mulher é mais masculinizada?! Tem tantos esportes. Mas a cabeça das pessoas é diferente. Então eu não sofria esse preconceito por ser feminina, mas eu via bastante as minhas amigas, eu andava sempre com elas, eu só não saia para as noites, mas a gente saia dos treinos nos reuníamos na frente do Inter naquele bar lá, aquela mesa assim, toda... Para dar risada, ficava junto. E eu sempre andei muito com elas e elas sim sofriam muito preconceito. Mas o futebol feminino ia pedir apoio, tinha uma dificuldade de ganhar as coisas, hoje em dia também tem, hoje em dia também está difícil, mas eu digo com relação a isso, só que está melhor, tem preconceito, mas está melhor. Tu vais falar do futebol feminino... Quando tu fala do futebol feminino eles associam o quê? Seleção Brasileira! Marta¹⁸, as meninas. Não associam mais aquela imagem de “sapatona”, coisa e tal. Melhorou assim. Só nesse aspecto, agora o que tem que... Para mim, o que tem que melhorar o futebol feminino? São os clubes. Os clubes destinarem uma renda para o departamento feminino, para pagar o salário das meninas, carteira assinada, pagar essas coisas. Pagar um dinheirão para esses caras aí...

S.G. – Que não retornam nada...

I.N. – O cara vai lá erra um cruzamento, vai lá faz um monte de besteira, faz não sei o quê. Olha o time do Inter e o time do Grêmio, cadê os craques? Cadê o Zico¹⁹? Cadê os caras? Não tem! Quem é o craque do Inter? O Sasha²⁰? Olha, sou mais eu, na minha época né. Não tem nada assim para se justificar um salário alto, a coisa está muito errada. O futebol feminino ali a menina que tem ali vai ganha dois, três mil reais se destacando, vai fazer um contrato de dez mil reai), como é na Itália. Na Itália tem série “A”, “B”, “C” e “D”.

¹⁸ Marta Vieira da Silva.

¹⁹ Arthur Antunes Coimbra.

²⁰ Eduardo Colcenti Antunes.

S.R. – Tu jogou na Itália né?

I.N. – Joguei lá na Itália também.

S.G. – Quanto tempo tu jogaste lá Bel?

I.N. – Eu fiquei três meses, só.

S.G. – Foi uma temporada.

I.N. – É, eu fui fazer uns testes lá, passei até nos testes tudo, mas por alguns motivos eu não fiquei lá... pessoais. Eu morava com a Antonella Carta, que era a número dez da Seleção Italiana. A Antonella Carta para assinar contrato com um clube e outro, ganhava um carro zero quilômetros, um Audi, ganhava... Isso já em, eu fui para lá 1994, muito tempo. É bem evoluído, os treinamentos eram diferenciados dos nossos, as equipes... A Seleção Nacional da Itália Sub-19, eles não tem... Como agora a nossa está fazendo a Seleção Permanente. Eles já naquela época... A Itália não se classifica porque o campeonato deles para classificação é muito forte, não é que nem o Brasil que pega a Argentina, Bolívia, Paraguai, nem sei se tem Paraguai. Então, eles já têm a Seleção permanente, há muitos anos e a gente começou agora. Tem muita diferença. A gente fala: “Está crescendo, está crescendo...” Está crescendo um pouco, a passos de tartaruga, mas está. Tem Campeonato Brasileiro e a gente nem sabe, estava tendo uma Copa de alguma coisa lá em São Paulo, aqui no Rio Grande do Sul só quem está no meio que sabe.

S.R. – Como é que aconteceu essa tua transferência para a Itália?

I.N. – A Itália foi através da Duda²¹. A Duda foi para Itália e o mesmo empresário que levou ela, queria me levar também.

S.R. – Chegaram a jogar no mesmo time?

²¹ Eduarda Marranghello Luizelli.

I.N. – Não, não.

S.R. – Em que time você jogou lá?

I.N. – Eu fui para o Torino²², a Duda foi para o Milan²³ e...

S.R. – Para o Verona²⁴.

I.N. – Eu fui para o Verona também.

S.G. – A Michael Jackson²⁵ jogou no Torino não é?

I.N. – A Michael Jackson foi depois. Uma figura [risos]. Quando eu fui para a Itália eu já estava com 29 anos, e já estava em final de carreira. Eu poderia ter ido bem mais cedo.

S.G. – E foi nesse período do Sul-americano de Uberlândia²⁶ que você disputou? 1994, 1995 por ali. Como foi a convocação para Seleção?

I.N. – Pois é, então, eu fui convocada para a seleção acho que umas três vezes, eu fui convocada... Eu era reserva da Roseli²⁷ e da Pretinha²⁸ [risos].

S.G. – Difícil [risos].

I.N. – Era muito difícil, só que nos nossos coletivos eram sempre zero a zero, um a zero, não havia muita diferença. Então eu não tive muitas oportunidades de entrar por que eles confiavam muito nelas, mas a experiência na Seleção Brasileira foi super positiva, era tudo muito organizado.

²² Torino Football Club.

²³ Associazione Calcio Milan.

²⁴ Hellas Verona Football Club.

²⁵ Mariléria dos Santos.

²⁶ Município de Minas Gerais.

²⁷ Roseli de Belo.

²⁸ Delma Gonçalves.

S.R. – Chegaste a treinar na Comary²⁹?

I.N. – Não, nunca peguei. A gente treinava em cidades mesmo como Águas de Lindóia, a gente ia para Monte Sião, hotéis fazendas, muitos lugares, eram lugares que a cidade dava um apoio, ajudava, dava toda a infraestrutura para gente, para a Seleção: os campos, as coisas, os médicos. E era muito organizado, sempre foi. O que mais? Disputei dois Campeonatos Sul-americanos com a Seleção e eu fui convocada para treinar para os Jogos Olímpicos de Atlanta, fiquei quatro meses treinando com a Seleção para as Olimpíadas aí eu tive uma inflamação no púbis, logo que cheguei, como os treinamentos eram puxados a minha musculatura não estava forte para aguentar o treinamento então estourou o púbis e aí eu fiquei... E eu fui o último corte, tiveram cinco cortes, me lembro a Tânia Maranhão³⁰ foi cortada, foi cortada antes de mim, isso até eles não aceitaram, bom... Porque eu estava lesionada e não fui cortada e ela estava boa e foi cortada, também vejo o lado dos outros, mas eu não tenho culpa, não fui lá pedir: “Deixa ela ficar” [risos]. Não fui para as Olimpíadas e quem foi no meu lugar foi uma menina que eu indiquei, Sônia³¹ do Acre...

S.R. – A Soninha!

I.N. – Aham!

S.R. – Ela está morando aqui em Estância Velha³², não é?

I.N. – É? Ah, ela está ali! Ela está ali com a, como é o nome daquela figura? Ela está com aquela figura parece que faz vassoura, uma “figuraça”.

S.R. – O Camarão³³ falou dela na segunda.

S.G. – Bel e como foi o convite para a revista Playboy³⁴? Para fazer aquela capa.

²⁹ Granja Comary, Centro de Treinamento da Seleção Brasileira de Futebol.

³⁰ Tânia Maria Pereira Ribeiro.

³¹ Sônia Maria Roque da Costa.

³² Município do estado do Rio Grande do Sul.

³³ Carlos Renato Lopes.

³⁴ Referência à edição de julho de 1995 na qual a atleta foi capa.

I.N. – Bah, tu sabe que isso eu nem lembrava [risos].

S.G. – Aquela foto está muito bonita. Depois saiu na revista Placar.

I.N.- Eu não achei bonita... O pôster é muito lindo, o pôster é lindo. Eu saí na Placar seis vezes, fui capa da Placar duas vezes, uma com o Renato Portaluppi...

S.G. – Isso foi na década... Foi nesse período? 1995, 1996? Tu lembra?

I.N. – É, a Playboy foi.

S.G. – Playboy foi 1996. Ou 1995. Nós temos lá no Centro de Memória do Esporte.

I.N. – Foi 1995! Quando eu estava com 17 anos eles já haviam me convidado, estava no Inter. Mas como eu era novinha não aceitei, mas depois quando eu estava com 29 anos eles convidaram novamente, foi uma experiência legal, foi bom até para o futebol feminino mostrar os seus talentos [risos]. Na época até o cachê não eram cachês exorbitantes, depois se tornou, porque eu posei um mês antes da Adriane Galisteu, se eu tivesse pousado um mês depois. Daí estourou o cachê dela e o valor foi vazado, aí todo mundo começou a pedir bem alto. Para viver do futebol feminino não dava. Hoje em dia já dá, hoje em dia tem atletas acredito, até aqui no Brasil que dá né...

S.G. – Poucas.

I.N. – Poucas, exato, raras. Não dá uma mão, duas. Mas tem muitas meninas jogando fora não?

S.G. – Tem, tem. Na própria seleção permanente agora acho que já tem umas oito que foram jogar fora. Que é um espaço de visibilidade.

I.N. – É, mas na nossa época assim... Eu tive chuteira com o meu nome, tive contrato com uma fábrica, foi a única chuteira de futebol feminino no Brasil.

S.G. – Eu não sabia disso, que legal.

I.N. – É, eu tenho a chuteira, mas está lá em Florianópolis. Era uma chuteira que a equipe... Ela era toda de náilon e na equipe do Inter todas jogavam e tinha a vermelha com branco, preta com branco e a azul com branco e tinha a minha assinatura “Bel”, e eu fiz um contrato com uma fábrica de Novo Hamburgo que fazia a chuteira Alvinegra, que na época ela era...

S.G. – Que legal isso.

I.N. – Tinha pôster, foi bem legal. Mas não dava para viver do futebol feminino, fiz alguns comerciais, fiz algumas coisas assim... Mas do futebol...

S.G. – O que? Televisão, rádio, propaganda, jornais?

I.N. – “Tevê”, “tevé”. Eu fiz a propaganda da Gaston³⁵ e Incosul³⁶ na época, e tinha haver com futebol.

S.G. – Não tem mais isso?

I.N. - Eu era uma professora dando aula para os alunos e entrava uma bola pela porta, essa bola ela passava por vários lugares, na Praça da Matriz com uma babá, a babá era a lateral esquerda do Inter, a Malu³⁷ ...

S.R. – Bah, a Malu!

I.N. – Sabe quem é a Malu?

S.R. – Eu não sei quem é, mas eu vi uma reportagem que aparece vocês duas.

³⁵ Loja de calçados.

³⁶ Incosul Incorporação e Construção.

³⁷ Nome sujeito a confirmação.

I.N. – A Malu, muito linda. Ela namorava o Luis Carlos³⁸ que era do Inter, também um gato lindo. Aí a bola entrava e eu fazia: “Pá, pá pá e pá” e dava um chutão e a bola continuava, um cara com a perna engessada, com a muleta. E quando eu dava o chutão, as crianças gritavam: “E!” Tudo combinado. Fiz dois, fiz isso aí... Muito também tinha que ter um agente fazendo essas coisas. Desfilei também, fui formada em curso de modelo e manequim com quinze anos, era o melhor: Raquel Kagi³⁹, melhor que tinha, “top” na época! Tenho fotos também. Fiz o curso manequim e etiqueta, mas desfilei bem pouco não era uma coisa que eu gostava mesmo.

S.G. – Você jogou até quando?

I.N. – Eu joguei até... Eu parei de jogar para ter filho.

S.G. – Teu filho tem quantos anos hoje?

I.N. – Treze. O Luis Felipe. Eu parei de jogar com 35 anos e com 36 eu tive ele.

S.R. – Em que time você estava?

I.N. – No Grêmio.

S.R. – Quando retornaram as atividades do Inter, quando a Duda montou a escolinha lá no Parque Gigante e veio a equipe adulta, que disputou Campeonato Brasileiro, tu fez parte dessa nova leva?

I.N. – Eu joguei com essa geração da Karina⁴⁰. Joguei com essas meninas.

S.R. – E logo depois tu te transferiu para o Grêmio?

³⁸ Nome sujeito a confirmação.

³⁹ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁰ Karina Balestra da Luz.

I.N. – Me transferei para o Grêmio. Eu formei uma equipe também que eu fiquei em vice, que foi a equipe do Tamoio⁴¹ em Viamão.

S.R. – Ah sim, o Tamoio.

P.J. – A Ivete⁴² fala muito do Tamoio.

I.N. – Tinha a Romana⁴³, tinha a Mancha⁴⁴, tinha Tupã⁴⁵. Eu era jogadora e dirigente. Eu consegui o apoio da Nutrella, da Mumu. Mas não era grande coisa não, era para dar um dinheirinho ali para Romana [risos], nem eu recebia, só pagava as outras. Consegui os pães com a Nutrella, geléia, dava lanche para as gurias. E a gente foi contra o Grêmio, perdemos de um a zero na final. Então é, o que mais?

S.R. – Como era essa rivalidade de Inter e Grêmio? Como eram os Grenais?

I.N. – A rivalidade havia desde antes [risos].

S.R. – É que tu vivenciou isso nos dois lados né? Tanto no Internacional quanto no Grêmio.

I.N. – Dessa época tu está falando, da nova geração ali? Tinha bastante rivalidade. Não sei como eu vou te falar... O que cada um quer é a vitória, então se tu tem que passar por cima das outras atletas, tu vai passar, mas é ali no jogo o que eu sentia a rivalidade das gurias. Acho que as atletas do Grêmio, o que eu sentia era que as atletas do Grêmio gostariam de estar no Inter, eu sentia isso, não sei por quê.

S.G.- Estrutura talvez? Mais estrutura. Um pouco mais estruturado em função do departamento

⁴¹ Tamoio Futebol Clube.

⁴² Ivete Gallas.

⁴³ Romana Schmitz.

⁴⁴ Nome sujeito a confirmação.

⁴⁵ Nome sujeito a confirmação.

I.N. – É, eu acredito que isso. E aí nós temos também que falar da Duda não é? Se não tivesse a Duda aqui o futebol feminino não teria... Quem é que batalha pelo futebol feminino? Não conheço ninguém, só conheço a Duda. Ela também tem que ganhar uma medalha, lógico que ela está ali lutando pelo pão dela, mas eu acho que ela batalha muito pelo futebol feminino. Ela faz... E as pessoas cansam de investir, de tentar conseguir, de tentar levantar o futebol feminino entendeu? Tudo por causa do “não, não” apoio, essas coisas assim. Eu estive no Inter para abrir o departamento de futebol feminino no Inter, depois da Duda ter saído eu estive lá, eles gostaram muito da idéia, mas eles não davam nada, nem campo, não davam nada. Daí é impossível, não tem como evoluir, mas não é o que vocês querem não é? O que vocês estão falando é o museu.

S.R. – Não, acho que faz parte da tua trajetória.

S.G. – Em termos da tua trajetória, o que você destacaria como um momento, que você curte muito ou que foi muito importante na tua trajetória esportiva?

I.N. – Foi muito bom assim, os treinamentos, nós que somos apaixonada por futebol, era tudo: jogos, viagens, campeonatos. Tudo foi legal! Tudo foi vivido intensamente.

S.G. – Depois que você parou de jogar, você se envolveu com o futebol de novo?

I.N. – Eu tive escolinhas também de futebol.

S.G. – Em Florianópolis ou aqui?

I.N. - Aqui, tive Genoma Colorado, tinha... Camisa 10 era o nome da escolinha, mas depois foi ficando difícil, muitas escolinhas, em cada esquina uma escolinha e fica difícil tu manter.

S.G. – Meninos e meninas?

I.N. – Meninos e meninas. E da pra ressaltar que o futebol feminino, se eu fosse depender da escolinha de futebol feminino eu morria de fome, não tinha como. As meninas não são

muitas, como são os meninos, então a maioria dos meus alunos eram meninos. Eu nem sei como estão agora as escolinhas de futebol feminino.

S.G. – Acho que específico do futebol feminino nem tem. Tem masculino e feminino.

S.R. – A Duda tem as escolinhas dela, mas ela mistura também.

I.N. – Tem meninos não é?

S.R. – Tem.

I.N. – É, não tem como ficar só com meninas.

[INTERRUPÇÃO DA ENTREVISTA]⁴⁶

S.R. – Bel, tu participou daquele Grenal dentro do Olímpico que foi quatro a três para o Inter, de virada?

I.N. – Ai guria eu tenho uma memória terrível.

S.R. – Em que vieram meninas da Seleção jogar no Grêmio. Veio a Maravilha, veio a Maycon⁴⁷. E o Grêmio estava ganhando de três a zero dentro do Olímpico...

I.N. – Sim, que a Maycon veio jogar com a gente eu lembro, alugaram uma casa para ela e tudo.

S.R. – Mas tu não lembra especificamente quando?

I.N. – Não, não lembro de nada desse jogo.

S.R. – Tem alguma outra coisa que a gente não te perguntou que tu gostaria de falar?

⁴⁶ Entrevistada atende o telefone.

⁴⁷ Andréia dos Santos.

I.N. – Olha... Eu também não sei se eu... Deu para contribuir alguma coisa?

S.G. – Menina! Claro! Essa pergunta não se faz. [risos]

I.N. – Eu tenho uma memória muito fraca.

S.G. – Quando tivermos alguma dúvida podemos te perguntar?

I.N. – Isso! Tens meu “whatsapp”. Qualquer coisa eu te falo ali, alguma coisa que faltou que seja importante.

S.G. – Bel, em nome do Centro de Memórias do Esporte nós te agradecemos pela disponibilidade em conceder essa entrevista. Muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]